

REFLEXÕES SOBRE O UFANISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

Lauro Belchior Mendes

Em sua *Introdução à Literatura no Brasil*, ao tratar da expansão da literatura quinhentista no Brasil, sobretudo da que pertence ao Ciclo dos descobrimentos, Afrânio Coutinho fala das «forças» de que surgiram as «primeiras letras» em nossa terra. A principal manifestação dessas forças seria o surgimento do mito do ufanismo — tendência à exaltação lírica da terra ou da paisagem, espécie de crença num eldorado ou 'paraíso terrestre', como lhe chamou Rocha Pita pela primeira vez, e que constituirá uma linha permanente da literatura brasileira de prosa e verso». ¹

Interessa-nos discutir o conceito de ufanismo e tentar verificar se e de que forma podemos afirmar a sua permanência no quadro de nossa literatura. Aurélio Buarque de Holanda, após explicar a origem da palavra ufanismo pelo radical do verbo ufanar-se acrescido do sufixo -ismo, relaciona-a com o título do livro *Por que me ufano de meu país*, do conde Afonso Celso, e assim conceitua o termo: «Atitude, posição ou sentimento dos que, influenciados pelo potencial das riquezas brasileiras, pelas belezas naturais do país, etc, dele se vangloriam, desmedidamente». É também interessante observar que já existia na língua portuguesa o vocábulo ufanía, bastante antigo e com correspondentes nas outras línguas ibero-românicas, no pro-

1. COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*, 2ª edição Livraria São José, Rio, 1964, p. 78/79.

vençal e no italiano. Caldas Aulete registra os dois substantivos, **ufania** e **ufanismo**, relacionando também este último com a obra de Afonso Celso, que, segundo Wilson Martins, é o «exemplo mais conhecido e ridicularizado»² daquela atitude. Se a palavra **ufania** denota vaidade descabida, com boa carga de exagero e vanglória, o termo **ufanismo** acrescenta a esse significado básico novos componentes semânticos: é uma ufanía particular, centrada no país, e que tem como resultado uma atitude sistemática de exaltação das belezas naturais do eldorado brasileiro. Vem daí o fato de a palavra, enquanto expressão de um sentimento meramente providencialista de nossa natureza, conter também uma sugestão de alienação do processo histórico nacional.

Na obra citada, Afrânio Coutinho arrola como representantes da tendência ufanista os seguintes autores dos séculos XVI e XVII: Pero Vaz de Caminha, Anchieta, Nóbrega, Cardim, Bento Teixeira, Gandavo, Gabriel Soares de Souza, Fernandes Brandão, Rocha Pita, Vicente do Salvador, Botelho de Oliveira, Itaparica e Nuno Marques Pereira. Como a maioria das obras dos escritores relacionados não pertence ao campo estrito da literatura — e não é nosso propósito discorrer sobre literatura jesuítica e literatura de informação — vamos deter nossa atenção sobre quatro deles, cujas obras são reconhecidas pelos historiadores de nossa literatura como produtos literários, embora de discutível valor estético: Bento Teixeira, Fernandes Brandão, Botelho de Oliveira e Nuno Marques Pereira.

Bento Teixeira é o autor da **Prosopopéia**, publicada em 1601. Além da influência camoniana, José Aderaldo Castello aponta-lhe «atitudes nativistas» e «certas preocupações críticas, dignas de relevo».³ Como se sabe, o poemeto-épico de Bento Teixeira é realizado com a intenção de celebrar os feitos de Jorge Albuquerque Coelho, donatário da capitania de Pernam-

2. MARTINS, Wilson. «A Literatura e o Conhecimento da Terra», in **A Literatura no Brasil**, direção de Afrânio Coutinho, 2ª edição, Volume I, Rio, Editorial Sul Americana S.A. 1968, p. 111.

3. CASTELLO, José Aderaldo, **Manifestações Literárias da Era Colonial**, 3ª edição, São Paulo, Cultrix, 1967, p. 63.

buco. Para tanto, toma como modelo a epopéia camoniana. Uma vez que consideramos a literatura como fenômeno de civilização e cultura, podemos verificar que o autor da **Prosopopéia** nos introduz, com sua obra, no contexto da cultura européia, a que estávamos fatalmente ligados como herdeiros da colonização portuguesa. Devemos contudo observar que tal introdução não se faz de maneira apoteótica, nem num sentido de reduplicação da metrópole: todos os estudiosos de Bento Teixeira são unânimes em lhe reconhecer deficiências (a formação clássica imperfeita, a pretensão de corrigir Camões) e qualidades, como a escolha de um assunto nacional, a intenção de escrever para o Brasil, etc. Como exemplo de valorização do elemento nacional, vejamos a oitava em que o poeta explica a etimologia da palavra **Pernambuco**:

«Em meio desta obra alpestre, e dura,
Uma boca rompeu o mar inchado,
Que na língua dos bárbaros escura,
Paranambuco, de todos é chamado,
De Parana que é mar, Puca — rotura,
Feita com fúria desse Mar salgado,
Que sem no derivar, cometer míngua,
Cova do mar se chama em nossa língua».⁴

Acreditamos, entretanto, que a obra de Bento Teixeira não se enquadra perfeitamente dentro do espírito ufanista, sendo talvez mais certo aproximá-la — com seu barroquismo, inclusive — de obras de caráter nativista, que vão aparecer no século XVIII, como os poemas épicos de Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

Ambrósio Fernandes Brandão é apontado como o autor dos **Diálogos das Grandezas do Brasil**, de 1618. Essa obra é a representação de seis diálogos entre Brandônio, colonizador fixado

4. TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéia*, Apud PEIXOTO, Afrânio, *Panorama da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1940, p. 111.

na terra, que narra as excelências do Brasil a Alviano, português aqui recém-chegado. Talvez com a preocupação de motivar a imigração de portugueses pobres, Brandônio fala continuamente das riquezas e das facilidades de enriquecimento, como demonstra o exemplo que se segue, do «Diálogo Terceiro»:

«Pelo que, começando, digo que as riquezas do Brasil consistem em seis coisas, com as quais seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira a lavoura do açúcar, a segunda a mercancia, a terceira o pau a que chamam do Brasil, a quarta os algodões e madeiras, a quinta a lavoura de mantimentos e a última a criação de gados. De todas estas cousas o principal nervo e substância da riqueza da terra é a lavoura dos açúcares».⁵

No mesmo diálogo, afirma que «... o Brasil é mais rico e dá mais proveito à fazenda de sua majestade, que toda Índia» (p. 118). O Brasil é reiteradamente apontado como fonte de riqueza, tanto para os portugueses individualmente como para a coroa:

«Muitos homens têm adquirido grande quantidade de dinheiro amoedado e de fazenda no Brasil pela mercancia...», (p. 132).

«Todo o Brasil rende para a fazenda de Sua Majestade sem nenhuma despesa, que é o que mais se deve de estimar». (p. 138).

Os **Diálogos** contêm ainda muitas informações sobre a vida de portugueses e índios no início da colonização, mas é sobretudo a sua atitude de deslumbramento diante do paraíso tropical que tem chamado a atenção dos críticos. Entretanto, mais do que ufanismo do autor — nos termos definidos — acreditamos que tenha havido uma persistente leitura ufanista desse texto.

5. BRANDÃO, Fernandes. **Diálogos das Grandezas do Brasil**, São Paulo, Ed. Melhoramentos, s.d., p. 115.

O ponto alto do espírito ufanista é a «Silva à Ilha de Maré, Termo desta Cidade da Bahia», de Manuel Botelho de Oliveira, publicada entre os «Versos Vários» de **Música do Parnasso**, em 1705. Conforme observa José Aderaldo Castello, a parte mais importante da produção lírica de Botelho de Oliveira (as rimas portuguesas, castelhanas, italianas e latinas) tem sido relegada a um segundo plano em favor da «famigerada Silva à Ilha de Maré».⁶ De fato, por bem sintetizar o espírito ufanista, este poema tem sido muitas vezes tomado como verdadeiro exemplo de nosso nativismo literário. Evidentemente, há aí muito de exagero, pois a simples enumeração de nossas aves, frutas, legumes, plantas, águas e mares em confronto com os seus correspondentes portugueses, com intenção de valorizar as coisas brasileiras, é demasiado banal mesmo para estabelecer a origem do espírito de nossa nacionalidade. O poema não vai além do gracejo maldoso, com a preocupação ingênua de provocar o «ciúme» português pela afirmação da qualidade superior das coisas brasileiras. É o que se pode ver pela passagem seguinte:

«Tenho explicado as frutas e legumes
que dão a Portugal muitos ciúmes;
tenho recopilado
o que o Brasil contém para invejado,
e para preferir a toda a terra
em si perfeitos quatro AA encerra.
Tem o primeiro A, nos arvoredos
sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
tem o segundo A, nos ares puros
na tempérie agradáveis e seguros;
tem o terceiro A, nas águas frias,
que refrescam o peito, e são sadias;
o quarto A, no açúcar deleitoso,
que é do Mundo o regalo mais mimoso».⁷

6. CASTELLO, José Aderaldo. Op. cit., p. 73.

7. OLIVEIRA, Manuel Botelho de. **Música do Parnasso**, Rio, Ed. de Ouro, 1967.

Digno seguidor de Gôngora, Botelho de Oliveira é o maior representante da poesia culteranista no Brasil, cujas influências são visíveis no grande poeta do século XVIII que é Cláudio Manuel da Costa.

Da mesma forma que Afrânio Coutinho, Eugênio Gomes inclui Nuno Marques Pereira, autor do **Compêndio Narrativo do Peregrino da América**, de 1728, no ciclo da literatura ufanista.⁸ Nessa obra de caráter nitidamente moralista, Nuno Marques Pereira se atém à descrição de costumes e aspectos da vida brasileira, desenvolvendo «um trabalho de crítica social», conforme observa José Aderaldo Castello.⁹ São interessantes as passagens em que toma um elemento de nossa fauna ou flora para estabelecer uma comparação com o elemento humano e desta extrair uma lição moralizante. Cite-se, como exemplo, a comparação entre os baiacus e os soberbos, onde, após descrever os primeiros, conclui:

«Assim são os baiacus humanos, ou desumanos: tanto que se vêem nas praias, e terras do Brasil logo começam a inchar e se lhes dão algum ofício, ou posto, fazem-se baiacus de espinhos, não há quem se chegue junto deles. E se dizem a um destes: Basta, Baiacu, porque podes rebentar; ou se lhe tocam, cada vez incha mais. Bem sei que este exemplo, ou moralidade, é mui humilde, porém como é tão vulgar, cada qual o tome no sentido mais acomodativo».¹⁰

Como se pode observar, a presença do ufanismo nos autores citados talvez seja mais um fenômeno de leitura do que propriamente característica essencial dos textos. Não queremos dizer que o ufanismo não esteja presente neles; apenas queremos

8. GOMES, Eugênio. «O Mito do Ufanismo», in *A Literatura no Brasil*, I volume, p. 276 et passim.

9. CASTELLO, José Aderaldo. *Op. cit.*, p. 127.

10. PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, apud PEIXOTO, Afrânio, *Panorama da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1940, p. 178.

afirmar que o espírito ufanista é um elemento entre outros, e que é a crítica que o tem elegido como prioritário. Aliás é bastante significativo que, numa obra fundamental como a **Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)**, Antônio Cândido não trate dos referidos autores, considerando seus textos «manifestações literárias», anteriores à constituição de uma literatura. No entender do eminente crítico, enquanto a literatura pressupõe um sistema de obras e a formação de uma continuidade, as manifestações literárias existem «em graus variáveis de isolamento e articulação, no período formativo inicial que vai das origens, no século XVI, com os autos e cantos de Anchieta, às academias do século XVIII». A organicidade e a continuidade começam a existir a partir do neoclassicismo, momento em «que surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer literatura».¹¹

A partir dessa ligeira visão das «manifestações literárias» ufanistas, preocupa-nos verificar se o ufanismo teria se constituído «numa linha permanente da literatura brasileira», conforme afirma Afrânio Coutinho. De acordo com o pensamento de Antônio Cândido, excluimos da área do ufanismo as realizações neoclássicas e a ampla movimentação inaugurada pelo nosso romantismo. Poderemos aí incluir um ou outro nome isolado e sem importância, ou alguns momentos de exaltação ufanista num escritor significativo. O primeiro caso não interessa, uma vez que olhamos o fenômeno literário do ponto de vista da literatura; do segundo caso seria exemplo Olavo Bilac, em poemas do tipo «Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste». A nossa colocação se justifica porque acreditamos que a base essencial do ufanismo é a visão das excelências de nossa natureza como prefiguração das excelências de nosso povo. Em outras palavras, o ufanismo pressupõe que exista uma relação especular entre a grandiosidade de nosso meio físico e a grandeza de nosso caráter nacional.

11. CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)**, 3ª edição, São Paulo, Martins, 1969, p. 23/25.

No movimento modernista vamos encontrar um momento de explosão do ufanismo: os poetas do grupo verde-amarelo que se filiaram ao movimento político do integralismo e que se afastam da crítica da cultura assumida por Mário de Andrade e Oswald de Andrade, por exemplo. A sua fonte de inspiração seria a leitura ufanista de textos como os já citados e também a obra de Afonso Celso, cuja atitude de exaltação nacional se pode ver em passagens como a seguinte:

«Não há no mundo país mais belo do que o Brasil. Quantos o visitam atestam e proclamam essa incomparável beleza. Dentro do enorme perímetro brasileiro, encontra-se tudo o que de pitoresco e grandioso oferece a Terra. Ainda mais: encontra-se, em matéria de panorama, tudo o que a ardente imaginação possa fantasiar».¹²

A fantasia da «ardente imaginação» será seguida à risca pelos escritores integralistas que trabalham ideologicamente o ufanismo para reforçar sua carga de sedução, como se pode ver em *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado, ao narrar a chegada de Ivã a Piratininga:

«Piratininga! Cidade de ouro resplandecendo na aurora! Diadema na cabeleira verde dos cafezais! Corpo astral, invisível da cidade parda, de chaminés negras e bairros escusos(...)

Ivã caminhou vagaroso para o leito. Dormiu pensando num lindo abacaxi, que vira ao desembarque, no cais».¹³

12. CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu país*, apud NOGUEIRA, Júlio, *Programa de Português*, São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1942.

13. SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*, Ed. Hélios Ltda., 1926, p. 20.

Exemplo perfeito da ótica ufanista é o **Martim Cererê** de Cassiano Ricardo, onde história e mito se confundem, com o objetivo de engrandecer a formação da raça brasileira. O livro todo é uma pretensa exaltação do português, do índio e do negro, exaltação essa que procura camuflar o verdadeiro sentimento do autor que é o da fidelidade e superioridade da raça branca. Nesse poema o Brasil é retratado como terra da promessa, cujos elementos naturais prefiguram a grandeza da «raça cósmica» que aí se criará. Veja-se como exemplo o poema «Sinal do Céu» em que a constelação do Cruzeiro do Sul é tomada como oráculo que prediz a grandeza futura:

E uma cruz misteriosa de estrelas
abriu no céu os seus braços de luz
como uma enorme profecia:

Eu sou a cruz do cruzamento!

O cruzeiro do amor universal.

Eu tenho estes braços abertos
assim, na amplidão dos espaços
como que para dizer: vinde todos!
que este céu é bastante profundo
e servirá de teto a todos quantos
sofrem no mundo;

que este chão é bastante fecundo
e dará de comer a todos quantos
têm fome, no mundo;

que estes rios darão de sobejo
pra mitigar a sede a todos quantos
têm sede, no mundo.

Sinal da cruz, descrucificador
porque signo de 'mais', de soma e aliança.

Eu sou a cruz dialética do amor.

Um abraço de estrelas a quem chega
à procura de uma ilha
no mapa-múndi da desesperança.

Porque eu sou o caminho, ainda obscuro,
por onde, finalmente,
desfilará a humanidade do futuro».¹⁴

Como já dissemos, a ótica integralista trabalha ideologicamente o ufanismo para reforçar sua carga de sedução. Em outras palavras, o poema procura trazer o leitor para a sua ótica e influenciá-lo a fazer a mesma leitura do passado e do presente, encerrando-o num círculo de patriotismo alienante. Leiam-se, a propósito, os versos de Menotti del Picchia, do poema «Batismo», sobre a declaração do sete de setembro:

«Ouviu-se o grito imenso
que repercutiu nos quatro pontos cardeais
anunciando ao universo
que acaba de nascer a maior democracia dos trópicos».¹⁵

Pode-se observar aí a superposição do elemento ideológico ao elemento natural — ao maior país dos trópicos teria que corresponder inevitavelmente a maior democracia. Aliás essa idéia não é nova nem se restringe ao ufanismo literário. Ela passa, por exemplo, toda a letra do Hino Nacional. Até mesmo a homologia entre a excelência da natureza e a do povo se acha aí expressa:

«Gigante pela própria natureza
És belo, és forte, impávido colosso,
e o teu futuro espelha essa grandeza».

14. RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê*, 12ª edição, Rio/Brasília, José Olympio/MEC, 1972, p. 63.

15. PICCHIA, Menotti del. apud MURICY, Andrade. *A Nova Literatura Brasileira*, Porto Alegre, Globo, 1936, p. 112.

O mesmo espírito pode ser reconhecido em textos mais recentes, emanados da publicidade governamental, como «milagre brasileiro», «Brasil grande», «ninguém segura este país», etc. etc. A esse respeito, caberia assinalar que o ufanismo apresenta duas faces: ao mesmo tempo que procura alimentar o sentimento de predestinação para a grandeza da pátria, falseia a realidade, cria estereótipos alienantes, impede os indivíduos de ver claro no decantado processo de desenvolvimento social e econômico. No caso da literatura, o ufanismo cria uma linguagem aparentemente liberta que, entretanto, não ultrapassa o círculo da retórica doutrinária. Ora, se a literatura ufanista persiste, ou mesmo o seu espírito em outras formas de comunicação, isto não significa a sobrevivência do ufanismo como valor. Enquanto representante de um discurso ambíguo — porque dominado e dominador — ele se afasta do verdadeiro espírito de nossa literatura, preconizado pela visão crítica iniciada com o romantismo e aprofundada pelo modernismo: a busca da criação de um discurso independente para a literatura brasileira.

Belo Horizonte, 1980